

TRADUÇÃO DE PROVAS PARA LIBRAS: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA

Claudney Maria de Oliveira e Silva

Sofia Oliveira Pereira dos Anjos Coimbra da Silva

Universidade Federal de Goiás

Resumo: Em atendimento ao Programa de Inclusão do Governo Federal, a Universidade Federal de Goiás criou o programa UFGInclui, que, em uma de suas ações afirmativas, viabilizou a implementação de algumas estratégias de inclusão. Uma dessas estratégias é a tradução das provas do processo seletivo (vestibular) realizado pelo Centro de Seleção da UFG, especificamente para os candidatos surdos ao curso de graduação em Letras-Libras optantes por esse programa. Essa tradução foi realizada no processo seletivo dos anos 2011 e 2012. Essa estratégia favoreceu consideravelmente o ingresso de alunos surdos nesse curso desde então. O objetivo deste artigo é descrever a metodologia de tradução das provas do referido processo seletivo (vestibular) para língua brasileira de sinais. A partir do texto-fonte foram realizadas as seguintes etapas: (1) Tradução do texto-fonte (em língua portuguesa) para o texto-alvo (em língua brasileira de sinais); (2) Revisão de Linguagem 1; (3) Revisão de Linguagem 2; (4) Filmagem e (5) Edição revisada. Esse trabalho foi realizado por um grupo de profissionais constituído por tradutores/intérpretes, linguistas, atores e equipe de filmagem e edição de vídeo. Por uma questão de normas do Centro de Seleção, foram exigidos parâmetros como extensão, paralelismo e estilo dos enunciados e das alternativas na elaboração das questões que compuseram as provas em língua portuguesa. Assim, na medida do possível, os mesmos parâmetros também foram observados em todas as etapas relacionadas ao processo de tradução para Libras. Tal rigor fez-se necessário uma vez que falhas e/ou omissões poderiam acarretar em recursos e até mesmo anulação de questão. Esse trabalho se configura como uma proposta viável de tradução para a língua de sinais tendo em vista os resultados refletidos no número de alunos aprovados nos processos seletivos citados.

PALAVRAS – CHAVE: Processo seletivo. Metodologia de tradução. Língua de Sinais.

Introdução: “A construção de um mundo de iguais pressupõe o respeito às diferenças. Renovo o pedido para que continuemos caminhando juntos na construção de um grande projeto de nação”. Assim Luiz Augusto Caldas, diretor de formulação de políticas da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Sectec) do Ministério da Educação, deu início a mais um encontro de trabalho para avaliação do Tec Nep, um dos vários programas que fazem parte do Programa de Inclusão do Governo Federal, cujo foco é a educação e formação profissional para pessoas com deficiência. Em consonância àquele projeto de nação e também em atendimento a esse programa de inclusão, a Universidade Federal de Goiás criou o programa UFGInclui, um conjunto de ações afirmativas que

visam democratizar o acesso à universidade pública a grupos minoritários de estudantes e valorizar a diversidade. Nesses grupos estão estudantes oriundos das escolas públicas, estudantes negros oriundos das escolas públicas, indígenas, quilombolas e estudantes surdos. Para esses últimos foi implantado o sistema de acompanhamento de intérpretes no processo seletivo a partir do ano de 2009. Nesse sistema, no momento da inscrição, o candidato surdo pode optar pela presença do intérprete durante a realização da prova. Dessa forma, são disponibilizados dois intérpretes para cada candidato surdo e eles ficam alocados em salas separadas dos demais candidatos. Durante todo o período da prova, podendo esse período ser estendido por mais uma hora, o candidato surdo pode solicitar ao intérprete traduzir parcial ou integralmente, uma ou mais vezes as questões que compõem a prova. Até o presente momento, apenas três candidatos surdos foram aprovados na UFG por meio desse sistema. Diante desse contexto e especificamente para atender o curso de Letras-Libras, o Centro de Seleção da UFG, por meio do programa UFGincludi, implementou outra estratégia de acesso do candidato surdo ao processo seletivo (vestibular), a saber, a tradução para Libras das provas de língua portuguesa e literatura. O processo de tradução das provas foi realizado por uma equipe de profissionais de diferentes áreas de atuação (dois tradutores e intérpretes de Língua Portuguesa/Língua Brasileira de Sinais, dois tradutores-atores, dois linguistas-revisores de linguagem, um operador de câmera, um assistente de câmera e um editor de vídeo) que se comprometeram com o sigilo das informações e discricção quanto às atividades realizadas assinando, inclusive, um termo de responsabilidade como os demais profissionais do Centro de Seleção. Somente os tradutores-atores filmados são passíveis de serem identificados pelos candidatos. O objetivo deste trabalho é descrever a metodologia realizada no processo de tradução das referidas provas. Nos campos da tradução e interpretação, os termos 'tradução' e 'interpretação' não são considerados sinônimos. Embora a tradução e a interpretação se relacionam à versão textual de uma língua para outra, há diferenças entre elas no tocante à forma e ao tempo em que se realizam. Enquanto a tradução se refere a textos escritos, a interpretação se caracteriza pela 'transmissão imediata e ao vivo' do discurso falado ou sinalizado. Nos dois casos falamos de língua fonte (LF) e língua alvo (LA) (FRISHBERG, 1990, p.18). Se no processo de interpretação, a tomada de decisão é instantânea e o tempo totalmente definido pelo falante, na tradução a tomada de decisão pode ser submetida à reflexão, pesquisa, revisão e correção em um tempo determinado pelo tradutor. Estes últimos fundamentos tradutórios são especialmente importantes e devem ser seguidos a risca,

uma vez que, o objeto a ser traduzido é um instrumento de avaliação que possui especificidades próprias relacionadas aos objetivos da instituição promotora do processo seletivo. A UFG prima por oferecer uma formação que resguarde o rigor acadêmico, a pluralidade e a diversidade de ideias. Tais preceitos foram levados em consideração no processo de elaboração das questões. Como as provas do processo seletivo são elaboradas na língua portuguesa, o estilo de escrita segue parâmetros como extensão, paralelismo e formatos específicos para enunciar as questões e suas respectivas alternativas. Assim a tradução da língua portuguesa para a língua brasileira de sinais precisava seguir igualmente esses mesmos preceitos a fim de que o objetivo do processo seletivo fosse atingido. Podemos afirmar que tal orientação foi naturalmente seguida conforme o contexto ao qual estávamos sendo inseridos. A estratégia de tradução adotada no processo tradutório, a princípio, esteve muito próxima da estratégia denominada Minorizante, uma estratégia enunciada por Lawrence Venuti, onde o tradutor re-textualiza na língua-alvo produzindo um texto final que carrega fluência de sentidos ao mesmo tempo em que transparece as marcas culturais da língua-fonte. Assim a tarefa do tradutor tem como princípio colocar línguas e culturas diferentes frente a frente levando em conta suas regras, história e valores. (VENUTI, 1995).

Metodologia: Esse trabalho foi realizado em cinco etapas distintas com subdivisões que, no presente trabalho, chamamos de fases. Embora os membros da equipe tivessem conhecimentos específicos que contribuíram para a realização de cada etapa, ressaltamos que algumas decisões tomadas durante o processo tradutório não foram baseadas, naquele momento, em um modelo teórico preexistente, mas, na maior parte, foram impostas por condições e limitações inerentes ao ineditismo implicados na tarefa de traduzir interlingualmente provas de um processo seletivo na UFG. Na primeira etapa - Tradução do texto-fonte (em língua portuguesa) para o texto-alvo (em língua brasileira de sinais) o texto das provas escrito em língua portuguesa chegou as mãos da equipe depois de passar pela revisão de linguagem. Nessa etapa participaram dois tradutores e intérpretes que realizaram as seguintes fases: leitura global, leitura detalhada, esquemas visuais, descrição em glosas, filmagem piloto. A leitura global é parte inicial do trabalho dos tradutores. Neste momento foram identificadas as questões de alta e baixa complexidade além da percepção das características do texto-fonte como recursos visuais e estilo de perguntas e alternativas. Percebemos que, na verdade, cada questão da prova de vestibular se apresentou como um texto independente. Assim procedeu-se a leitura dos 30 textos envolvidos. A leitura global familiarizou o tradutor

com o objetivo do processo – testar os conhecimentos específicos dos candidatos surdos no nível básico de educação (ensino médio). A leitura detalhada seguiu a leitura global. Na leitura detalhada os tradutores discutiram o entendimento do conteúdo de cada questão e identificaram os argumentos explícitos e implícitos ao texto. As dúvidas conceituais (termos técnicos e intenções discursivas do texto) que permaneciam, eram assinaladas e reservadas para o contato com a equipe de elaboração das questões – professores da área de conhecimento. Estes foram acionados na segunda etapa: revisão de linguagem 1. A percepção de dúvidas na língua-fonte era logo identificada à medida que o tradutor procedia a leitura global. No entanto, a percepção de dúvidas na língua-alvo só era identificada a partir da re-textualização de sentidos que ocorria quando os tradutores faziam tentativas de sinalizações do texto mediante um esboço mental de escolhas lexicais e formações sintáticas. Aqui foram utilizadas ferramentas como dicionários e livros didáticos das línguas envolvidas. Por imposição do contexto, (processo seletivo) ferramentas como acesso à internet, consulta aos membros das comunidades das línguas envolvidas ou mesmo a outros profissionais da área de tradução não foram permitidas. As consultas foram restritas aos elaboradores, revisores e tradutores da prova, dicionários e livros usados na elaboração das questões. Após a leitura detalhada, os tradutores iniciaram a fase de transposição em esquemas visuais. Ao ler detalhadamente cada texto da prova, tentou-se escrever diretamente em glosas, mas falhas na memória a respeito do léxico descrito pela glosa ou as variações existentes para a mesma glosa descrita exigiu a elaboração de esquemas visuais. Assim uma decisão importante antes das transposições de glosas foi desenhar esquemas visuais numa tentativa de espacializar, no papel, as ideias envolvidas, suas relações e a pergunta em questão sobre o contexto descrito no enunciado. A partir dessa decisão, para cada questão (texto envolvendo a pergunta e suas alternativas) foi feito um esquema visual seguido da transposição para glosas e na sequência, uma filmagem piloto da questão. Dessa forma as três fases finais que foram planejadas separadamente sofreram uma fusão. A cada nova questão era realizado um esquema, sua glosa e filmagem piloto. O esquema ficava registrado numa folha de papel branco A4, a glosa era descrita no editor de texto de um netbook (disponibilizado pelo Centro de Seleção) e a filmagem piloto era feita mediante o programa Movie maker e registrado em arquivo separado. Para cada questão um esquema, um conjunto de glosa e um pequeno vídeo. Todos estes materiais dia após dia ficavam armazenados em cofres e somente as pessoas autorizadas podiam ter acesso através de identificação digital. Na sala onde toda a primeira etapa

aconteceu, câmeras registravam todas as ações. Na segunda etapa - Revisão de Linguagem 1- um membro da banca, normalmente o professor elaborador da questão, juntamente com os tradutores, fizeram uma revisão de todas as questões já traduzidas. No processo que estamos descrevendo aqui, é importante informar que o revisor de linguagem, além de membro de banca elaboradora, é linguista e especialista na área. Assim garantimos que a revisão de linguagem de fato pôde contar com um profissional com duas competências essenciais para essa etapa: ser linguista especialista nas duas línguas envolvidas no processo e pertencer a área de conhecimento das questões a serem traduzidas. Inferimos nessa etapa, a reflexão de que, caso a prova seja de uma área de conhecimento diferente da formação do linguista (circunstância comum), dois revisores precisarão fazer contraponto com o tradutor: o revisor de linguagem (Port-Libras) e o professor da área de conhecimento afim de que estes quatro profissionais estejam presentes para ajustes na re-textualização da Língua Portuguesa, construindo assim o texto na Língua Brasileira de Sinais com todos os sentidos pretendidos pela área de conhecimento avaliadora. A revisão de linguagem 1 ficou composta das seguintes fases: adequação do texto onde verificou-se o entendimento do tradutor a cerca de seus esquemas visuais e filmagem piloto; adequação semântica onde verificou-se se todos os sentidos no texto enunciador estavam presentes na língua-alvo e revisão de glosa, onde ajustes eram feitos na transposição das glosas, uma vez que este arquivo seria enviado ao TP na quarta etapa – a filmagem final. Após a revisão de linguagem 1(segunda etapa) e de posse dos ajustes e com as dúvidas esclarecidas, os tradutores corrigiam as glosas e refilmavam as questões que necessitavam dos ajustes, gerando uma segunda pasta de vídeos armazenados no mesmo meio eletrônico, o netbook Letras-Libras. Terminada a segunda etapa, seguimos a terceira etapa – revisão de linguagem 2. No primeiro processo seletivo (vestibular/2011) esta etapa foi realizada antes da filmagem. Consistia no repasse e discussão com o tradutor-ator surdo de todas as questões da prova. Porém foi observado que esta etapa se repetia durante a filmagem de cada questão. Assim a terceira etapa fundiu-se com a quarta etapa - a filmagem. No último processo seletivo (vestibular/2012), a tradução da prova foi feita considerando as etapas terceira e quarta como uma só. Neste momento tínhamos no estúdio de gravação os seguintes materiais: câmera (oficial e reserva), TV de retorno, Teleprompter (TP), luzes de alta potência, ar condicionado, cabos, roteiros, ficha de controle das cenas corretas – tudo montado pelos profissionais de vídeo envolvidos. No processo de filmagem tínhamos dois linguistas (um obrigatoriamente surdo), em frente a TV de retorno, além

dos atores envolvidos. Nas traduções de todas as provas (processos seletivos 2011 e 2012) garantimos a presença de tradutores-atores surdos, tendo em vista a compreensão da equipe sobre os aspectos sociais, culturais, linguísticos e identitários que interpelam um processo de tradução. Neste momento de filmagem o processo tradutório recebeu os ajustes finais e as performances dos tradutores-atores envolvidos foram acordadas. As discussões tiveram como proposta ajustar os seguintes itens: nível de linguagem (tendo em mente o público-alvo); adequação espacial de referentes (constituição sintática das perguntas e alternativas no espaço de sinalização) e verificação do conjunto de léxicos da língua-alvo (adequados aos léxicos na língua-fonte quando na inexistência de termos compartilhados pelos falantes da língua-alvo). Entre os tradutores-atores as decisões giravam em torno de determinações de estratégias de tradução tais como: momentos de transliteração de termos da língua-fonte, uso do TP versus memória de curto prazo do tradutor, auxílio do segundo tradutor-ator para questões com longos períodos e ajustes das glosas no TP. Além dessas, outras decisões importantes se mostraram relevantes sobre elementos performáticos de cada tradutor-ator tais como: ritmo e velocidade dos movimentos, momentos de expressões não manuais gramaticais adequadas, definição dos espaços de sinalização entre os lados direito e esquerdo a fim de não haver perda de sentido nas alternativas correspondentes, entre outros. Assim, em cada período do dia reservado para a filmagem (em média quatro horas de trabalho nessa equipe) apenas três a cinco questões eram gravadas e a variação dependia da complexidade apresentada pelo texto da questão em foco. Dessa forma, na terceira e quarta etapas temos as seguintes fases: discussão e definição dos aspectos linguísticos e tradutórios da questão, repasse do texto (treino) do tradutor-ator com o auxílio das glosas dispostas no TP (ajustando a velocidade em que as glosas são transmitidas), filmagem do texto, revisão da tradução filmada com o auxílio da TV de retorno e por fim aprovação ou não da filmagem pelos linguistas-revisores. É interessante notar que neste processo uma nova função importante foi atribuída ao tradutor-ator: o tradutor-ator contrarregra. Por haver dois tradutores-atores no estúdio no momento da filmagem, enquanto um atuava como tradutor-ator, o segundo observava o momento tradutório e fazia considerações importantes sobre omissões e/ou acréscimos não pertinentes, falhas no ritmo de execução, uso inadequado do espaço, enfim, tudo o que fora discutido e acordado anteriormente com o revisor. Consideramos que esta estratégia de trabalho em dupla de tradutores-atores e linguistas revisores contribuiu significativamente com o resultado desse complexo e exaustivo processo ao reduzir a taxa de erro nas filmagens. Ao final

de cada questão filmada, o vídeo era revisto pelo revisor e pela dupla de tradutores-atores. Para cada início de gravação, o assistente de câmara registrava o número da questão, a letra da alternativa e o número da tomada de filmagem. Tais anotações eram repassadas ao editor de vídeo. Por fim, a quinta e última etapa – Edição revisada. Nessa etapa há duas fases: a edição dos frames corretos/válidos da filmagem e a revisão de todo o vídeo da prova feito por outro linguista-intérprete que não participou do processo de tradução nem do processo de filmagem. Ele recebeu as provas na língua fonte e, a medida que as questões iam sendo editadas na língua alvo, ele fazia a última revisão, comparando as duas provas. Como o trabalho de edição aconteceu logo em seguida a gravação, caso necessário refilmar alguma questão, o que de fato apenas uma vez em cada um dos processos seletivos (2011 e 2012), a equipe ainda estava organizada, o que facilitou ainda mais a otimização do processo. Após a filmagem completa das provas, foi feito também a tradução da capa, das orientações da prova e da proposta de redação seguindo obrigatoriamente todas as etapas supracitadas.

Resultado: No curso de Letras-Libras há um total de 15 vagas reservadas para candidatos surdos. No processo seletivo 2011 treze candidatos surdos foram aprovados. No processo seletivo seguinte (2012), trinta e cinco alunos surdos se inscreveram e quinze foram aprovados, preenchendo todas as vagas.

Conclusão: A comunicação global das questões era uma meta, e houve uma preocupação com todas as unidades linguísticas presentes na língua-fonte. Também procurou-se assegurar a manutenção das informações contidas no texto e ao mesmo tempo adequá-las culturalmente ao público, nesse caso, aos candidatos surdos. Para a elaboração das questões foram exigidos parâmetros como extensão, paralelismo e estilo dos enunciados e das alternativas. Na medida do possível, tentou se observar os mesmos parâmetros em todas as etapas relacionadas ao processo de tradução para Libras. Ao final do trabalho percebeu-se que a observância desses parâmetros deu ao texto traduzido em Libras características mais formais e uma estruturação sintático-semântica mais elaborada, o que dificilmente se alcançaria em um processo de interpretação. Todo esse rigor e preocupação com a forma se deu pelo fato de que falhas e/ou omissões poderiam acarretar em recursos ou mesmo anulação de questão. Outro ponto importante que justificou essa decisão foi a possibilidade de comparação entre as provas nas duas línguas pelos candidatos no momento da realização da prova e, posteriormente, pela comunidade em geral. O cuidado com a precisão da tradução resultou num trabalho que apresentou número zero de recursos impetrados pelos candidatos. O modelo de tradução

de provas que atendeu especificamente ao curso de Letras-Libras pode ser aplicado ao processo seletivo de todos os outros cursos. Essa estratégia favoreceu consideravelmente o ingresso de alunos surdos no curso desde então. Esse trabalho se configura como uma proposta viável de tradução de provas do processo seletivo (vestibular).

Referências bibliográficas:

Frishberg, N. (1990). *Interpreting: An introduction* (Rev. ed.). Silver Spring, MD: Registry of Interpreters for the Deaf

LYONS, J. (1987) *Linguagem e Linguística – uma Introdução*, Rio de Janeiro, Editora Guanabara AS

VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility: a history of translation*. London/New York: Routledge, 1995.

Eixo: Metodologias para implementar a tradução de/para a língua de sinais